

António
Lobo Antunes
Para Aquela
Que Está
Sentada
No Escuro
À Minha
Espera



PRÓLOGO



Ao acordar o gato estava deitado como de costume aos pés da cama olhando para mim sem me ver mas a janela de estore meio descido parecia haver mudado da parede direita para a esquerda, a árvore com as folhas de sempre em junho quase tocando os caixilhos do mesmo modo que os móveis, a cómoda, o armário, o sofazinho ocupavam agora o lado da janela, o que se passou durante a noite expliquem-me, o gato levantou a cabeça porque a senhora de idade que trazia o pequeno almoço e os comprimidos entrou no quarto a sorrir, sorria sempre, pela porta que essa ao menos se mantinha no sítio, informou-me ao poisar a bandeja na mesa de cabeceira

– A gente ao acordar demora a habituar-se ao dia

e não é verdade, não me custa habituar-me ao dia, custa-me que troquem coisas sem me dizerem nada, fazem o que lhes apetece e não me dão cavaco, a senhora de idade inclinou o travesseiro ajudando-me a sentar

– Lembre-se que já se sujou mais de uma vez

entregou-me os comprimidos e o chá enquanto o gato deslizava líquido para o chão, quando me roça nota-se um motorzinho lá dentro que dura até a cauda acabar e esquecer-me, por um instante recordei-me de Faro, da minha mãe colocando a terrina do jantar na mesa e do meu pai para mim, de guardanapo meio entalado no colarinho meio na mão, em suspensórios, sem casaco

– Chega aqui

a mandar-me pôr a língua de fora, a molhar o indicador e a esfregar uma mancha do nariz

– Parecias um palhacinho miúda

enquanto eu me secava na manga fungando, a minha mãe tirava as espinhas do peixe enquanto ele comia de pescoço esticado a fim de não pingar a camisa, de casaco nas costas da cadeira em frente e o bolsinho do lenço cheio de canetas, ao acabar a chávena de chá Faro desapareceu e os meus pais com ele, já morreram há séculos, às vezes na cama, ainda não estava a dormir, percebia a minha mãe para o meu pai

– Anda cá

e apenas o relógio de cuco na sala, não o pássaro de pau que saltava do postigo numa vénia, o mecanismo só, recordava-me disso quando estava casada e o Cristo da cabeceira para a frente e para trás, não consentia que a senhora de idade me lavasse e vestisse, quando muito deixava-me na poltrona com uma revista e prevenia da entrada

– Venho à hora do almoço

tão gasta a pobre, sobrava-lhe corpo nos sítios em que não necessitava dele e faltava-lhe onde era preciso, nos membros sem força ou no pescoço encolhido, os objectos da sala em sítios diferentes também, que é do naperon do aparador e da estatueta da rapariga abraçada a um cisne, de vez em quando o meu pai pegava-me ao colo

– O que tu pesas miúda

e a minha mãe do crochet, a meio de contar as malhas

– Dezassete não era?

a minha mãe

– Vai na volta ainda se estampam os dois

a rapariga do cisne não sei porquê perturbava-me, o meu pai doente a tossir atrás da porta fechada, cobre, cobre, o cisne e a rapariga de cobre, a minha tia impedia-me a maçaneta para além da qual um cheiro estranho

– Não entres aí

a minha mãe de olhos encarnados

– Vai brincar para o quintal desampara-nos a loja

e ao mesmo tempo a abraçar-me de lenço enfiado na manga com uma ponta de fora, esperei um bocadito e o crucifixo da cabeceira mudo, reduzido aos estremeços da garganta do meu pai, fracos agora,

a cabeça do médico surgiu numa frincha da porta a chamar a minha mãe

– Importa-se de chegar aqui?

ao contrário do habitual não me piscou o olho

– A vida que ela tem

movia a boca quase sem som enquanto eu reparava num botão a soltar-se, os ponteiros do relógio de cuco sem corda, o pássaro escondido na casita de madeira onde me dava a impressão de ferver uma colmeia de horas, afigurou-se-me que um pulo do crucifixo mas ténue, breve, e um soluço da minha mãe acompanhado de um silêncio feito de uma textura diferente, no género dos pombos nos sótãos vazios em que borbulham mistérios mas a porta não se abria, ou antes abriu-a a minha tia, apenas de olho de fora, à minha procura em torno

– Pisga-te para as traseiras e não entres antes de eu te chamar

num tom menos autoritário do que ela supunha, a quebrar-se no fim das palavras acompanhado por uma tremura dos lábios, não me levaram ao enterro, fiquei sozinha no quintal a olhar o colchão vazio dos meus pais sem travesseiro nem lençóis, o soalho lavado com creolina, o crucifixo em paz, a certa altura o relógio de cuco, dilatado por horas sem fim, principiou a estalar, os encaixes das tábuas separaram-se e um enxame de cucos carregando consigo todos os minutos do mundo atravessou o compartimento, desordenado, confuso, agitando asas de pau, cruzou a nespereira e foi diminuindo na direcção das ondas num chiar de dobradiças empenadas deixando o tempo fixo desde então, dá ideia que se altera mas é o mesmo sempre e é no interior desse tempo que continuo a esmorecer devagar com o motor do gato até ao fim da cauda, calando-se consoante me calo a olhar-vos.

PRIMEIRO ANDAMENTO



1

Há alturas em que desperto sobressaltada a meio da noite, sei lá o que é o meio da noite, com um cão a ladrar dentro de casa não percebo onde e sem que o gato mude de posição na colcha, uma pata compridíssima toda unhas e as outras pequenas, acendo a luz que vibra um bocadinho ao princípio e ninguém não mencionando, claro, a janela e os móveis que rodam à socapa pensando que não entendo, a rapariga do cisne espreita-me pelo canto do olho pronta a avisar

– Acordou

e tudo logo quieto, suspenso, à espera que eu adormeça de novo para recomeçarem fazendo-me lembrar a mim com cinco anos sempre à escuta, em bicos de pé a fim de chegar ao espelho do lavatório armada do baton da minha mãe, acertando no queixo ou nas bochechas, não nos lábios, se me perguntassem

– Onde é que estás?

não respondia conforme o cão não respondeu, ladrava apenas, procurei no corredor e nada, na sala e nada, ia-me aproximando devagarinho da origem do som no cubículo dos arrumos e nada, alejei-me numa esquina de banco e prossegui ao pé coxinho a esfregar o osso, já vi gente de canadianas por menos ou pendurada de muletas numa careta órfã, a descansarem o tormento do gesso na rua, na copa nada,

na entrada nada, de molho de chaves baloiçando da fechadura numa cadência suspeita até que um latir mais próximo me empurrou no sentido da cozinha, lá estava o fogão, o tanque da roupa, a tralha toda, os panos da loiça numa tira de madeira cheia de pregos em anzol e entre os panos da loiça o avental de não me sujar mas sujava-me à mesma, com um galgo cor de rosa estampado e era o galgo quem ladrava, ladrava, sempre que o tempo se altera inquieta-se de modo que daqui a pouco chuva de certeza, iam ver-se as gotas em torno dos candeeiros e os galhos das tipuanas curvados, água a descer as vidraças, frio, onde pára o meu casaco de malha a que falta um colchete que não encontro como não encontro seja o que for, somente o que vem ter comigo sem eu querer, a rapariga do cisne ou o gato a rondar a tigela vazia, uma mulher a puxar camisas de um estendal, não é um bairro de luxo este, vim para aqui desde que cheguei a Lisboa ao segundo andar da minha madrinha paz à sua alma, tal como eu passou a vida no teatro só que não no palco, era costureira, no termo da vida, derivado à doença dos olhos, não sei se cosia com a mão se com os óculos, avisava

– Homens nem sonhar pequena

porque as experiências dela doridas, aldrabices, discussões, bofetadas, eu virgem dado que a simples ideia de um crucifixo a tilintar na cabeceira me fazia sentir pecadora, o marido da minha madrinha uma amante dona de uma capelista com brinquedos por acaso engraçados na montra e a minha madrinha sabia, um palhaço a tocar clarinete, um elefante, um macaco, bastava atrasar-se para o jantar e ela logo

– Estiveste com a vaca idiota?

enquanto o marido alargava o colete num vagar satisfeito, de suspensórios felizes, a aperfeiçoar o bigode com o dedo do anel aproveitando o mindinho para uma limpeza à orelha

– Que cisma

que esfregava no, eu a ordenar ao galgo

– Calado

guardanapo, o marido da minha madrinha a atirar-me uma sobancelha à cara

– Falaste comigo?

eu a esclarecê-lo

– Falei com o galgo do avental que ainda não há

comprei-o durante o primeiro casamento, anos depois, numa altura em que estive sem trabalho mas foi um capricho barato, o galgo desbotado decerto já na loja há séculos, à espera que eu tivesse pena dele e o levasse, sempre me impressionaram os cães, a gente observa melhor e repara que todos de lentes de contacto, tão míopes coitados, e depois aquele soslaio que pede o que não sei dar-lhes, o meu primeiro marido na alcofa, perdão, na cama

– Achas-me mais magro?

de dedos independentes uns dos outros, esquecidos em desordem no lençol, o corpo ia abandonando as mãos, continuava nas costelas e na garganta que se interrompia e recomeçava a soprar

– Ajuda-me

de quando em quando um silvo ténue, de quando em quando uma bolha de cuspo, agora que não moro com ninguém tenho medo de encontrá-lo, sinto não sei o quê, penso

– Não é ele

penso

– Não pode ser ele

da mesma forma que penso

– Terá sido ele?

e a suspeita de uma lágrima que se não desloca a endurecer-lhe na pálpebra, a senhora de idade desembaraçava-me os ossos no prato, afastando-os numa habilidade rápida

– Ainda estou a vê-lo sempre todo triques

de fato justo e gravata às bolinhas, a cruzar a perna atento ao vinco das calças, tão orgulhoso da aparência, tão contente consigo e nisto pumba um incómodo aqui, a palma a avaliá-lo, eu

– Vocês os homens não crescem

eu

– Deixa-te de macaquinhos no sótão não é grave

mas era, felizmente depois do galgo não o encontrei na cama, que susto, embora se mantivesse a suspeita que um cheiro de aflição por

perto, seco, azedo, a impedir-me de dormir, colocado exactamente entre o meu sono e eu, nenhum vento na rua, nenhum galho a murmurar e o silêncio, ainda que apertando a almofada contra as orelhas, ensurdecia-me, agradava-me se os cucos dos relógios presentes, aposto que puseram ovos durante anos e anos, quando eu era pequena a minha mãe cantava ao bordar, se desconfiava que alguém próximo calava-se logo

– Tolices

afugentando a voz com as costas da mão, um grupo de teatro veio representar à sede dos bombeiros e levaram-me, isto em Faro, ignoro o motivo de não ter saudades de Faro, não aqui, uma cidade que nem é muito feia porém entre mim e o Algarve, deixemos isso, sofrimentos desnecessários para quê, um dos actores que andou na tropa com o meu pai comeu connosco e falava-nos como se tivéssemos pago lugares para o contemplarmos a mastigar, na véspera mataram-no à punhalada no fim da peça e cambaleou séculos para diante e para trás até tombar com precaução, notava-se que ofendido por não terem limpo o soalho antes, anunciando

– Portugal me vingará

embora Portugal a observar quieto e sem ímpetos de vingança alguma nas cadeiras que trouxeram da Junta, o meu pai para o actor com saudades do quartel em Chaves

– Salta Pocinhas

enquanto a minha mãe, impressionada com a sua agonia da véspera, sem a certeza que ele recuperara, indecisa entre um fantasma e um cavalheiro gordo

– Senhor Esteves

o actor para a minha mãe

– Para si apenas Esteves minha senhora o seu marido e eu quase irmãos uma noite enfiou-me uma ratazana morta na enxerga

eu para o actor, terminante

– Quando crescer vou ser actriz

mandando embora, numa atitude imperial, uma criada demasiado criada na presença de um loiro aperaltado com mindinhos em todos os gestos

– Deixe-me sozinha com Sir Robert que temos negócios a tratar
Cacilda

a Cacilda às arrecuas em vérias sucessivas segurando a crista mal plantada enquanto o loiro aperfeiçoava as melenas numa atitude lânguida, ainda o conheci já calvo, de amores por um electricista que lhe ficava com o dinheiro

– Pela alma de quem lá tens não me deixes Arnaldo

Faro assim assim pronto, o amigo do meu pai, qual amigo, quase irmão, ainda desconfiado de uma vértebra que a morte na peça amolgou, a medi-la com as falangetas de pensamento em hospitais

– É bem possível menina é bem possível

um besouro entrou de repente pela janela ao acaso embatendo nas paredes, no candeeiro, no tecto, a minha mãe tornou-se do tamanho da rapariga do cisne, apavorada, desejando que o meu pai uma vez na vida a protegesse cobrindo-a com o corpo, o pescoço, as asas e então compreendi a estatueta, o besouro lançou-se contra os pingentes do lustre que tilintaram de pânico emaranhando-se uns nos outros, desarrumou a franja do tapete, poisou-me um segundo no ombro, abandonou-me sem me engolir, pensei que me comesse a orelha de uma só dentada e não comeu, adquiriu fôlego para mais cambalhotas desesperado de não achar a saída enquanto o meu pai o perseguia com o jornal dobrado que ao chegar ao bicho já não o encontrava, o besouro não acertou na janela mas acertou no reposteiro enrodilhando-se nele, o actor que com a fome não ligava ao insecto a repetir o guisado

– Actriz é bem possível sente-se-lhe a vocação

enquanto o besouro desaparecia na rua às guinadas, a minha mãe trancou de imediato a janela verificando a segurança do fecho empurrando-o e puxando-o, gemia mas aguentava-se a baloiçar nos gonzos, o Salta Pocinhas sem largar o garfo comigo a pensar

– Não tarda um minuto fura a roupa traz um pedaço no talher e come-se a si mesmo

a minha mãe inquieta com a história da ratazana mau grado a distância dos anos, afastando-se o mais possível do meu pai

– Não me toques

com receio de um segundo animal no bolso ou assim pronto a ocupar a toalha, na capoeira desmantelada do quintal depois do nosso em cuja casa não morava ninguém excepto mendigos de passagem ratazanas atrozes de patas peludas e dentes enormes e metade de uma boneca de bruços na erva, o meu marido

– Acho que não me curo

e não se curou de facto, a senhora de idade veio com o tabuleiro do jantar e os comprimidos junto ao copo de água, um azul e um branco com uma ranhura ao meio, enorme, ficava com ele séculos na língua para trás e para a frente sem me atrever a engolir, um dia destes engasgo-me, atravessa-se e não passa, morro com ele entalado que nem ginjas, a senhora de idade

– Vamos ficar nesta dança até amanhã?

enquanto eu mais água de olhos fixos em nada, às vezes num retrato qualquer

– Vou morrer diante da tia Alice

que não sei do que morreu, do que se morria antigamente, contem-me, apoplexia, febre da carraça, tísica, decidia

– É agora

no último momento, já depois de decidida, arrependia-me e puxava o comprimido de novo, o actor para o meu pai

– Ainda por cima puseste o animal na fronha malandro nunca dei um pulo tão grande na vida palavra de honra que o coração parou um pulo difícil de imaginar derivado à gordura mas naquela época o amigo chupado das carochas, virava-se do avesso num sopro, o sargento

– Se o resto do pessoal fosse como você perdíamos as guerras todas o comprimido lá desceu por milagre num rolar de pedregulho, senti-o no pescoço, deixei de senti-lo, deste salvei-me, é o próximo que vai acabar comigo, ninguém tem sorte a vida toda, ao meu marido bastou-lhe um soluço e ficou-se com uma pálpebra mais aberta que a outra, ao fecharem-lhe os olhos recuperou a simetria, demorei-me a espiar os remédios no frasco, mais de uma dúzia ainda, tentando

adivinhar o futuro assassino a pensar naquele, no outro acima, em ambos, voltei a encontrar o amigo do meu pai muitos anos depois a arrastar-se na entrada dos artistas

– Colega

já o meu pai cá não estava

– Salta Pocinhas

o avental do galgo cada vez mais sem o bicho que cirandava pela casa, escutava-se o tique tique das unhas, tão ágeis, o actor

– Colega

reconhecendo-me tantos anos depois, magra, de cabelo pin, já não vestida de garota, vestida de mulher, tado por causa da crueldade do tempo, nenhum besouro junto à lâmpada nas traseiras do teatro, o senhor Barata que trabalhava de porteiro a enxotá-lo

– Sai daqui bêbedo

e o Salta Pocinhas a afastar-se humilde

– Eu não maço ninguém

vasculhando de caminho um caixote qualquer a interessar-se por uma cebola, a desinteressar-se da cebola, a desaparecer pouco a pouco no escuro porque ninguém desaparece de repente, mesmo quando já não estão ainda estão, o senhor Barata para mim

– Todas as noites é isto

à espera daquela em que se iria enxotar por seu turno a interessar-se pelo mesmo caixote e a desinteressar-se também, tem que haver um degrau onde sentar-se, tem que haver uma, a senhora de idade com a bandeja

– Ora cá temos o comprimidinho de novo

escada onde dormir, talvez uma lágrima que se transforme em cebola e menos fome depois de comer o desgosto, pode ser que a melancolia alimente, apesar do meu pai no cemitério sobrava a minha mãe por enquanto

– Continuas a usar o meu baton?

quando já não havia baton nenhum por não haver lábios onde deixá-lo, havia saias sem cor, sandálias gastas e um aparelho de rádio sempre no posto das orações e das missas visto que Deus aumenta

com os anos, o Salta Pocinhas a guardar o resto da cebola no bolso e a calcular pelo que teve que inclinar-se a algibeira quase nos tornozelos, a senhora de idade apontando-me o prato

– Não quero ver nem uma batata não as esconda debaixo dos talheres

enquanto o meu marido

– Não consigo comer

não o primeiro, o segundo, o primeiro acabou nesta casa igualmente, não o fígado como este, os diabetes, são iguais às baleias os homens, ainda que morem longe acabam na mesma praia, a senhora de idade a vasculhar

– A cenourazinha que põe os olhos bonitos não marcha?

e daqui a meses é a minha vez com o galgo saindo do avental para farejar-me, o gato abandonou a cama e escondeu-se na copa, não bebem água da tigela, não comem, arredam-se de mim, evaporam-se, uma noite destas estou na entrada dos artistas com o senhor Barata a expulsar-me

– Andor

a senhora de idade a arrumar o prato

– Quem é esse menina?

acompanhando-me à entrada dos artistas a tentar proteger-me

– Não se fala assim com uma actriz como ela

tão baixinha junto ao senhor Barata e no entanto enorme, cortando a carne em pedacinhos fáceis de mastigar, não tinha que mexer a mão esquerda que às vezes, não sei porquê, me falha, bastava a direita, mais segura, eu com a noite em frente no outro lado dos vidros, o minimercado, a agência de viagens, um primeiro travesti imóvel na esquina, de barriga ao léu, sempre com o mesmo soutien coitado, se o meu pai comigo aposto que a espreitar à janela voltando para o sofá a pensar, a minha mãe

– Gostas daquilo anormal?

como a noite é esquisita, tudo idêntico e diferente, as sombras tornam-se coisas verdadeiras e as coisas verdadeiras sombras, o meu pai para a minha mãe

– Faz-me impressão o que é que queres?

há séculos que moro neste sítio, prédios antigos, pensões, o restaurante dos nepaleses que chilreiam no passeio, um automóvel abrandou junto ao travesti e acelerou de seguida, a minha mãe para o meu pai

– Imaginas que não adivinho o que tens na cabeça?

como se conheceram aqueles, como começaram a namorar, o meu pai colega de um primo dela acho eu que um dia os apresentou, a minha mãe

– Não lhe achei piada nenhuma

e realmente a avaliar pelas fotografias bonito não era mas não tentava abusar valha-nos isso, um sábado cruzou-se com ele de braço dado com a tia carregando-lhe as compras e não sei quê na delicadeza comoveu-a, a atenção, o cuidado, era sensível ao amor de família, a madrastra dela a apontá-los

– Aprende porque não me ligas nenhuma

e ligava à sua maneira, cada um é como cada qual, o meu avô no género calado, sem sorrisos, desatento de nós, ao reformar-se ficava de pijama o dia inteiro examinando a barriga, a minha avó

– Não te vestes ao menos?

e não se vestia a fixar a parede e através da parede a presença dos vizinhos, conversas de que não se distinguiam as palavras, crianças, torneiras, gente que vive por intermédio de sons, um suspiro de rapariga

– Ai eu

às vezes solas fugidias na escada, cumprimentos rápidos, o homem que trouxe o fogão novo descansando no patamar aos assopros nos dedos, esperei que a senhora de idade se esquecesse do medicamento mas não esqueceu, aí estava ele imenso, impossível, a aumentar decímetros ao sair do frasco, Nossa Senhora, e continuando a aumentar enquanto eu encolhia à sua frente, eu em pânico para a senhora de idade

– Acha que consigo a sério?

o director do teatro para mim

– Talvez fosse melhor interromper uns meses

porque na opinião dele me esquecia das deixas, após uma pausa embaraçada um actor próximo continuava por mim inventando não importa o quê a fim de anular o silêncio enquanto eu me deslocava no sentido errado a insistir no que dissera antes sem dar conta do que dissera antes, outro actor num cochicho

– Uma branca?

eu

– Branca nenhuma

ou então frases de um espectáculo anterior, um vulto atrás do cenário a fazer sinais e por que razão me fazem sinais, o que pretendem, ainda não tomava comprimidos, ainda não aparecera a senhora de idade, o sobrinho do meu marido para ela cuidando que eu distraída

– Dos episódios antigos lembra-se é o que ocorreu agora que esquece se almoçou ou onde esteve ontem à tarde

e onde estive ontem à tarde de facto, o médico para o sobrinho do meu marido a julgar que eu ia perder-lhe as palavras, garante ser assim que estas doenças começam

– Problemas da memória recente os da memória remota hão-de chegar mais tarde

e no meu caso não chegaram, graças a Deus estou óptima, lá está o galgo a ladrar, a professora na escola em Faro

– Divide estes versos em orações

ou

– Resolve a raiz quadrada na ardósia

e recordo-me dos versos, Era de minha mãe é um pobre xaile que tem para mim uma pureza de asa etc, recordo-me da raiz quadrada de onze mil setecentos e quarenta e nove conforme me recordo, estou a mentir, não me recordo do que almocei e é impossível não me recordar do que almocei, será a doença isto ou apenas uma falhazita que vai passar, chocos fritos não, pastéis de massa tenra não, o que sucede comigo, acalma-te, vou-lhe pedir ainda que me fale daquela que albergou em nossa casa, no caso de te acalmares entra tudo nos eixos, almocei açorda de gambas também não, por favor não chores, o director do teatro

– Volta em outubro há séculos que não descansas

enquanto se reunia com os meus colegas, açorda de gambas é possível, eu para o director do teatro

– Almocei açorda de gambas senhor

que me respondeu quase simpático

– Pois claro

a empurrar os meus colegas para o gabinete mais uma actriz que eu não conhecia nem me cumprimentou deixando-me sozinha a concordar comigo

– Açorda de gambas é ótima

do lado de fora da porta a insistir

– É ótima

embora as cascas às vezes me magoem as gengivas de modo que talvez volte em outubro, talvez não volte, voltar para que o senhor Barata na entrada

– Tenha paciência não insista menina que me custa mandá-la embora

a fitar-me com pálpebras inseguras de mão a tremer no meu ombro

– Um dia é de mim que se livram

e por uma unha negra não nos abraçámos mas sou uma primeira figura, não abraço empregados, quantas noites nem sequer o cumprimentei, a senhora de idade para o sobrinho do meu marido

– Pode ficar descansado

a inteirar-se das pastilhas, das horas, a mirar-me de quando em quando numa curiosidade piedosa

– Não se recorda de se ter emocionado ontem não se recorda de acompanharmos o terço no rádio?

com o motor do gato a deslizar-me nas pernas até ao fim da cauda enquanto o senhor Barata no degrau da entrada dos artistas

– Despedem-me com um mês de ordenado e o que faço a seguir?

quem lhe pagaria o quarto, almoçava onde, o quê, com que pessoas conversava depois, invernos e invernos a contemplar a chuva embrulhado na manta e os pombos encolhidos no telhado fronteiro, o sobrinho do meu marido vinha sempre com demasiado perfume,

não francês, italiano, o francês para os maricas, o tio igual e portanto se calhar um hábito de família, permanecia semana após semana a respirar aquilo, levava-me aos domingos a visitar os parentes que se aborreciam com a nossa presença substituindo a conversa por olhares que se queriam amáveis e não eram, desejosos que nos fôssemos embora depressa, escutava o sobrinho do meu marido remexendo as chaves do automóvel no bolso, inventava

– É tarde

a fim de regressarmos a casa, sentia o alívio da mulher e dos filhos que pela primeira vez sorriam, não um sorriso, uma espécie de careta satisfeita, de

– Até que enfim

já no patamar percebia-lhes as vozes aliviadas

– Demoraram séculos

o sobrinho do meu marido connosco no elevador a assistirmos aos botões acenderem-se um após outro, oito, sete, seis, apagava-se um e piscava o seguinte, aproveitei para abrir a carteira, tirar a pistola e matá-lo, estava a brincar, só verti uma pontinha de base no indicador e corrigi o nariz, a senhora de idade, reparando melhor, mais nova que eu, a gente esquece-se dos anos que tem, tratando-me como se fosse uma criança

– Não esconda esse filete por baixo da salada coma tudo

e comia tudo, tomava a pastilha, ouvia o galgo ladrar, encontrava o gato estendido aos pés da cama com uma das patas compridíssima, só unhas, mirando-me, o sobrinho do meu marido para a senhora de idade ao deixar-nos na sala

– Se precisar tem aí o telefone

com vontade de se ir embora depressa, não guardava as chaves nem se sentava a conversar uns minutos, permanecia de pé a observar a rapariga e o cisne, quando morrer já sei para onde vão, aposto que os enfia logo num saquito, a mulher

– Onde é que vais guardar isso?

como agora a meu respeito

– Devias pô-la num lar

e ele calado pensando nos custos, guarda o meu cartão do banco, regula as despesas, entrega-me algum dinheiro para cabelos, unhas, um café na esplanada que me dura horas sem prestar atenção a ninguém, a viagem de táxi daqui ao teatro onde o director

– Vamos ver vamos ver

acompanhando-me à rua e um único candeeiro longe, as lâmpadas dos restantes fundidas e a piedade do senhor Barata atrás do patrão que não imagino capaz de piedade seja de quem for a mentir-me

– Tem que ser um drama à sua altura não vou entregar-lhe uma farsa pindérica

enquanto me ia empurrando o corpo com o corpo e ao fundo, muito ao longe, o rio, o director do teatro

– Um texto americano que a mereça

o público de pé e exclamações de entusiasmo, flores, mal cruzei a porta foi ele quem a fechou, não o senhor Barata e desapareceram ambos da minha vida, regressei a pé sem me enganar nas ruas que curioso, a senhora de idade levantando a bandeja

– Hoje fiz-lhe um doce

com o sorriso dela por cima conforme por cima do rio uma nuvem que o dia esquecera, não uma nuvem da noite, uma dessas iguais às de quando acordo, metade por cima do telhado e o resto navegando devagar para sul, o galgo mudo na cozinha, uma espécie de paz na sala incluindo as paredes sem girarem, o gato no fim da cama não levantou a cabeça quando acendi a luz, compreendia que dava por mim porque a pata comprida alongou-se, porque o lombo, apesar de não se alterar nem isto, uma curva à espera de afagos mas não lhe mexi, não me apetecia mexer em ninguém conforme não me apetecia que me mexessem, apetecia-me deitar-me sem me despir e ir-me embora não mudando de lugar, apetecia-me o meu pai a desdobrar o guardanapo numa lentidão satisfeita, a senhora de idade pegou numa das embalagens da mesinha de cabeceira

– Com a história do doce quase me esquecia o comprimido

o doce amarelo numa tigelinha transparente, o travesti da esquina conseguiu que um automóvel o chamasse e ele a fazer gestos com

o cigarro aceso inclinado para o vidro em negociações complicadas até que o automóvel desistiu e ficámos sozinhas, o travesti no passeio à espera e eu na janela sem mais ninguém connosco, sem mais ninguém no bairro, quase a olharmo-nos, quase cúmplices, quase amigas, nem precisávamos de nos encarar para compreender que quase amigas de forma que quando o director do teatro me chamar

– Afinal chamou-me senhor Barata enganou-se

a convido para a estreia não numa cadeira lá atrás claro, na primeira fila onde a veja sorrir.